

## **A POESIA ERÓTICA DE DRUMMOND: A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DOS DESEJOS INTERNOS ATRAVÉS DA LINGUAGEM**

### **DRUMMOND'S EROTIC POETRY: ART AS A FORM OF EXPRESSION OF INTERNAL DESIRES THROUGH LANGUAGE**

Renata Marques de Avellar Dal-Bó<sup>1</sup>  
*renatamadb@gmail.com*

“A língua que eu quero é essa que perde a função e se torna carícia. O que me apronta é o simples gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo”  
(Mia Couto)

“Vivre sans volupté c'est vivre sous la terre”  
(Ronsard, Sonnets pour Hélène)

#### **RESUMO:**

Este ensaio tem como objetivo realizar uma leitura crítica dos poemas eróticos “O que se passa na cama”, “A língua lambe” e “Minha boca errante”, inseridos no livro “O Amor Natural”, do poeta modernista brasileiro Carlos Drummond de Andrade, lançado postumamente em 1992, com o intuito de entender como a poesia expressa os desejos internos do poeta através da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poemas eróticos; Poeta modernista; Linguagem.

#### **ABSTRACT:**

This essay aims to carry out a critical reading of the erotic poems "O que se passa na cama", "A língua lambe" and "Minha boca errante", inserted in the book "O Amor Natural", by the Brazilian modernist poet Carlos Drummond de Andrade, released posthumously in 1992, in order to understand how poetry expresses the poet's internal desires through language.

**KEYWORDS:** Erotic poetry; Modernist poet; Language.

“Quando nasci, um anjo torto, desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida” (ANDRADE, 2003). Nesta primeira estrofe de seu “Poema de Sete Faces”, Drummond se utiliza de um estrangeirismo francês: a palavra "gauche", que significa “esquerdo” em português que, nesse caso, adquire o sentido de desajustado. O eu-lírico de Drummond se via "torto", "canhestro", gauche diante de si e do mundo. Porém através de sua

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

linguagem poética, Drummond conseguiu entrar na vida com muito mais intensidade. A sua palavra foi seu voo libertador.

Nascido no início do século XX, em Itabira, cidade do interior de Minas Gerais, Drummond foi criado nas mais rígidas tradições mineiras. Aos 15 anos, foi aluno interno do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, onde publicou seu primeiro texto "Vida nova" que falava da expectativa da chegada à nova escola, "com a alma povoada de esperanças miríficas e sonhos maravilhosos". Sonhos esses que terminariam em 1919, quando Drummond foi expulso por "insubordinação mental", após discutir com um professor (MAURO VENTURA, 2012).

Em entrevista dada a jornalista Leda Nagle em 1982, Carlos reclama dos costumes rígidos da época da infância e adolescência, onde a comunicação da moça com o rapaz era impossível, a não ser por intermédio de um irmão, sempre com uma bengala ao lado para evitar qualquer descaso. Ele conta que quando se confessava tinha horror de ir para o inferno. Na hora da comunhão o medo de engolir ou mastigar a hóstia era terrível, pois era pecado gravíssimo. "Todas essas coisas enchem a cabeça da gente de porcaria, então a minha poesia foi um processo de depuração interna. Eu vomitei tudo isso na minha poesia" (BAÚ DA TV, 1982).

Drummond, com sua poesia modernista - onde os versos são livres, a estrofação irregular e as rimas ausentes - criou uma capacidade de pronunciar o mundo do século XX, com todos os seus dramas históricos e suas particularidades. Desta forma, abordou uma variedade de temas em sua poesia, dentre eles, sua visão crítica do mundo, a existência humana, o cotidiano brasileiro, a infância, a expressão das classes marginalizadas, sua ideologia e a linguagem do poeta. Dentro dessa perspectiva, por que não escrever poemas eróticos, que falassem de paixões, corpos, desejo, amor e sexo? Na verdade, este tema está discretamente presente em seus livros. Porém, em "Amor Natural", uma coletânea póstuma lançada em 1992, onde os poemas se revelam no limiar entre a pornografia e o erotismo, há um desnudamento temático. Neste livro estão reunidos 40 poemas, onde Drummond descreve cenas eróticas numa linguagem desnuda e libidinosa.

O "Amor Natural" é uma obra inquietante, pois revela uma nova face do poeta, mais despojada, impudica e sexual. São textos repletos de vida, sensualidade, luxúria e voluptuosidade carnal, onde o autor se introjeta ao mesmo tempo em que se expõe, desbravando o corpo enquanto busca, na fluidez e sensualidade da linguagem, a própria nudez da alma.

Seria a poesia erótica a linguagem que Drummond encontrou para sublimar o instinto e expressar seus desejos internos? Segundo Freud (1974, p. 118), a sublimação do

instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada.

É impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos. Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar. (...) Não é fácil entender como pode ser possível privar de satisfação um instinto. Não se faz isso impunemente (FREUD, 1974, p. 118).

Drummond tem na sua poesia (erótica) um alto desejo de independência do mundo externo. Afastando-se da pressão da realidade e encontrando refúgio num mundo próprio com melhores condições de sensibilidade. Através da poesia, Drummond recria o mundo, constrói outros mundos, no qual os seus aspectos mais insuportáveis da realidade são eliminados e substituídos por outros mais adequados aos seus próprios desejos. Sua poesia produz novos mundos possíveis.

Segundo Freud, a vida real é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. “As satisfações substitutivas, tal como as oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental” (1974, p. 93).

No poema “O que se passa na cama”, o poeta tímido e pacato dá lugar a um eu-lírico sensual e sexual. Àqueles que se habituaram a ler suas crônicas ironicamente suaves, poderá sentir-se agredido ao encontrar nos seus versos palavras como “pênis”, “vagina”, “vulva” e “sêmem”. Contudo, segundo Affonso Romano de Sant’Anna escreve no prefácio do livro (1992, p. 77-78):

“Para aqueles costumados a uma literatura mais direta e que cresceram numa sociedade em que o uso do ‘palavrão’ (conceito antigo?) virou banalidade, soará como real a suspeita do próprio poeta de que não deveria publicar esses poemas porque podem parecer coisas de jardim de infância comparados com o que se faz e ouve por aí.”

(O que se passa na cama  
é segredo de quem ama.)

É segredo de quem ama  
não conhecer pela rama  
gozo que seja profundo,  
elaborado na terra  
e tão fora deste mundo  
que o corpo, encontrando o corpo  
e por ele navegando,

atinge a paz de outro horto,  
noutro mundo: paz de morto,  
nirvana, sono do pênis

Ai, cama, canção de cuna,  
dorme, menina, nanana,  
dorme a onça suçuarana,  
dorme a cândida vagina,  
dorme a última sirena  
ou a penúltima... O pênis  
dorme, puma, americana  
fera exausta. Dorme, fulva  
grinalda de tua vulva.  
E silenciem os que amam,  
entre lençol e cortina  
ainda úmidos de sêmem.  
estes segredos de cama. (ANDRADE, 1992, p. 12-13)

O tema amoroso/erótico, anteriormente identificado na poesia de Drummond como um espaço etéreo e abstrato, revela-se na poesia “O que se passa na cama” através da explosiva e sublime conciliação entre amor e sexo, de almas e corpos, sentimentos e suores, candura e malícia, ferocidade e delicadeza. O poema ganha uma densidade metafísica. Segundo Sant’Anna, o amor é o que há de imperioso na vida, é o momento luminoso na escuridão, a afirmação da vida contra a morte, a procura da eternidade no fugaz instante. “Como se o poeta estivesse se desinibindo, ou como se Eros estivesse jogando sua última cartada contra Tântatos” (ANDRADE, 1992, p. 83).

Entretanto, “o que se passa na cama é segredo de quem ama”, não se pode falar sobre sexo, os corpos se escondem, em torno do sexo silencia-se, torna-se segredo fechado entre quatro paredes. Há no poema indícios de uma sociedade hipócrita e reprimida.

A civilização atual deixa claro que só permite relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana (FREUD, 1974 p. 125).

Assim como Freud, Michel Foucault também investiga sobre a expressão e exteriorização da sexualidade no século XX. Em seu livro “História da Sexualidade I – A Vontade de Saber”, Foucault compara a questão da sexualidade do início do século XVII com o século XIX. Segundo ele, no século XVII ainda vigorava uma certa franqueza em relação ao sexo. As palavras eram ditas sem muita reticência, não havia segredo, o interdito era tolerado. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do

século XIX. “Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre o riso dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’” (FOUCAULT, 1999, p. 9).

Porém, a partir do século XIX a burguesia vitoriana trata de encerrar com a sexualidade, que passa a ter como única função a reprodução. As pessoas se calam em relação ao sexo. O casal legítimo e procriador passa a ser o modelo e ditar as leis. Os que não se adequam às normas são expulsos, negados e reduzidos ao silêncio. Os discursos passam a ser puro e os corpos escondidos. O que foge à lei vira anormal e deverá ser penalizado. “A repressão funciona decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber” (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Desde o século XIX reina a hipocrisia de nossa sociedade burguesa. Vivemos uma longa fase de repressão sexual. As sexualidades ilegítimas são restringidas a lugares onde possam dar lucro, como os prostíbulos e os consultórios psiquiátricos. Fora desses lugares o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo.

Segundo Foucault, é porque se afirma essa repressão que se pode ainda fazer coexistir, discretamente, o que o medo do ridículo ou o amargor da história impedem a maioria dentre nós de vincular: revolução e felicidade; ou, ainda, revolução e prazer. Para Foucault (1999, p. 12), o que sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão é “falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias.”

No prefácio do livro “Amor Natural” Sant’Anna defende que está na hora de o erótico (pornográfico?) fazer parte natural da obra dos poetas. Não há de que ser envergonhar. Afinal, há alguns milhares de anos que amamos desvairadamente e todas as formas registradas ou não no Kama Sutra e nos murais de Pompeia. “Como diz o poeta, o amor é palavra essencial. E embora o que se passa na cama seja segredo de quem ama, nunca houve segredo mais repartido que esse em todo os tempos e culturas. E o bom poeta é aquele que ao revelar o seu segredo descobre que ele pertence a todos” (ANDRADE, 1992, p. 84)

No poema “A língua lambe”, Drummond incorpora o jardim das delícias de Foucault e brinca com a língua:

A língua lambe as pétalas vermelhas  
da rosa pluriaberta; a língua lavra  
certo oculto botão, e vai tecendo  
lépidas variações de leves ritmos.

E lambe, lambilonga, lambilenta,  
a licorina gruta cabeluda,  
e, quanto mais lambente, mais ativa,  
atinge o céu do céu, entre gemidos,

entre gritos, balidos e rugidos  
de leões na floresta, enfurecidos. (ANDRADE, 1992, p. 32)

Em “A língua lambe” as palavras copulam semanticamente, a língua é “lambilonga, lambilenta”. O poeta diverte-se com a língua e a linguagem, faz um exercício estético do erotismo. Através da língua que lambe, lambente e ativa, Drummond propaga excitação e desejo. A linguagem poética de Drummond “não é só meio de sedução”, mas o “próprio lugar da sedução” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 13).

Drummond é seduzido pela linguagem e seduz através dela. Nesse jogo de sedução entre linguagem e poeta, Drummond externaliza seus desejos, pois, segundo Paz (1982, p. 37), “as palavras não vivem fora de nós, nós somos o seu mundo e elas o nosso”.

O erotismo possibilita o jogo dialético entre o sujeito poeta e a linguagem. Esse jogo resulta na fruição, pela qual o poeta age sobre as palavras. Paz afirma que:

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição complementar. A linguagem – som que emite sentido, traço material que denota ideias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético. É a potência que transfigura o sexo em cerimônia e rito e a linguagem em ritmo e metáfora. A linguagem poética é abraço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo (PAZ, 1994, p.12).

No poema, Drummond utiliza palavras que não são eróticas para evocar e insinuar emoções eróticas. O uso das palavras “lambe”, “lambilonga”, “lambilenta”, “lambente”, “gritos”, “gemidos” levam em consideração a intencionalidade e a intensidade como questões inerentes à poesia. Nos versos do poema, comparece um trabalho de combinações de elementos que desaguam num jogo semântico bastante insinuante do relacionamento entre poeta e linguagem.

O erotismo, como elemento do fazer artístico, na poesia moderna, desestrutura o objeto, desconstrói perspectivas canônicas do Ocidente, elabora a colagem de novas representações do universo e torna-se uma ferramenta para a própria autorreflexão sobre o fazer artístico. (MELOTTO; MARINHO, 2002, p. 19-20).

A libido do eu-lírico do poeta aparece no poema “Mimosa boca errante” na afirmação da existência de um instinto de morte:

Mimosa boca errante  
à superfície até achar o ponto  
em que te apraz colher o fruto em fogo  
que não será comido mas fruído  
até se lhe esgotar o sumo cálido  
e ele deixar-te, ou o deixares, flácido,  
mas rorejando a baba de delicias  
que fruto e boca se permitem, dádiva.

Boca mimosa e sábia,  
impaciente de sugar e clausurar  
inteiro, em ti, o talo rígido  
mas varado de gozo ao confinar-se  
no limitado espaço que ofereces  
a seu volume e jato apaixonados,  
como podes tornar-te, assim aberta,  
recurvo céu infindo e sepultura?

Mimosa boca e santa,  
que devagar vais desfolhando a líquida  
espuma do prazer em rito mudo,  
lenta-lambente-lambilusamente  
ligada à forma ereta qual fossem  
a boca o próprio fruto, e o fruto a boca,  
oh, chega, chega, chega de beber-me,  
de matar-me, e, na morte, de viver-me.

Já sei a eternidade: é puro orgasmo. (ANDRADE, 1994, p. 34-35)

No poema, Drummond une os instintos de vida e morte para definir o orgasmo como o ato sublime para alcançar a eternidade. Conforme Freud (1974, p. 142), “o desejo de destruição, quando dirigido *para dentro*, de fato foge grandemente à nossa percepção, a menos que esteja revestido de erotismo.” Para Freud, o nome “libido” pode ser utilizado para denotar as manifestações do poder de Eros, a fim de distingui-las da energia do instinto de morte.

O instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de

destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nesta luta consiste essencialmente toda a vida e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida (FREUD, 1974, p. 145).

Drummond, no poema “Mimosa boca errante” mistura vida e morte (Eros e Tântatos): “Boca mimosa e sábia, impaciente de sugar e clausurar”, “como podes tornar-te, assim aberta, recurvo céu infindo e sepultura?”, “oh chega, chega, chega de beber-me, de matar-me, e, na morte, de viver-me”. Tais pares de opostos estão misturados e amalgamados na tessitura do poema. Conforme Barthes (1981, p. 64), “a linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos, na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo”.

Podemos concluir que Drummond, nesses três poemas analisados neste ensaio, consegue sublimar seus desejos através da poesia, dando assim vazão aos seus instintos reprimidos em função de uma infância repressora e conservadora. Mostra também que a natureza humana transita entre os instintos de vida (Eros) e morte (Tântatos). O desejo de destruição pode passar despercebido e reverter em grande mal para a civilização, a não ser que esteja revestido de erotismo. Despido de pudores e moralidades, Drummond revela-se entre o erótico e o pornográfico com muita leveza; externaliza os sentidos e sentimentos, desnudando e traduzindo o lado bom da libido. Mostrando o sexo no seu ato primitivo e animal: ato, suor, sêmen, gemido, desejo, gozo e corpo. Mas descrevendo também a sensualidade e os prazeres do amor natural e humano. Através de sua poesia, o poeta cria mundos possíveis, despe-se e se oferece como matéria de poesia, despudorado, entrega-se, sem meias palavras, por inteiro, de corpo e alma.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Amor Natural**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BAÚ DA TV (Brasil) (Comp.). **Carlos Drummond de Andrade**: Entrevista a Leda Nagle. 1982. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=huc9EFfY4Ag>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: Vontade de Saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREUD, Sigmund. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - Volume XXI (1927-1931): O Mal-Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. Tradução de: José Octávio de Aguiar Abreu.

MAURO VENTURA (Rio de Janeiro). O Globo. **O despertar de Carlos Drummond de Andrade**. 2012. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/o-despertar-de-carlos-drummond-de-andrade-3730135#ixzz4x69wwPMFstest>>. Acesso em: 25 out. 2017.

MELOTTO, Thalita; MARINHO, Marcelo. Arte, erotismo e representação do universo: da pintura rupestre a Manoel de Barros. In: **Manoel de Barros: o brejo e o solfejo**. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Universidade Católica Dom Bosco, 2002.

PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994. Tradução de: Wladir Dupont.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivanhinha: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.